

Formação continuada dos professores: visando a própria experiência para uma nova perspectiva

JANAINA DA CONCEIÇÃO MARTINS SILVA
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

1. Introdução

O mundo globalizado e a emergência de uma nova sociedade, designada como sociedade do conhecimento e da informação, exigem dos profissionais, em todas as áreas, formação continuada, visto que tal cenário envolve inúmeras transformações em todos os setores da vida humana. Do educador, espera-se também que esteja – segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) – em permanente formação para o seu aprimoramento profissional. Atende-se, assim, às novas demandas sociais e até do próprio mercado, que solicita uma sólida formação.

Libâneo (1998) questiona se os meios de comunicação e informação substituiriam os professores e se as questões do aprendizado seriam resolvidas com a “tecnologização” do ensino. Assim, não seriam mais necessários professores e escolas. Realmente, a marca de uma sociedade contemporânea está fortemente consolidada pela difusão das novas tecnologias, pela globalização do conhecimento e pela quebra de barreiras entre o público e o privado. Isso afeta a sociedade em geral e também a escola como espaço de divulgação, transformação e construção social do conhecimento.

Não há como a escola e os professores se colocarem à margem ou simplesmente ignorarem essa realidade. Nessa “trama”, o professor precisa de uma formação que lhe possibilite analisar criticamente a nova realidade, bem como repensar suas funções e sua prática para, então, ter um papel à altura de enfrentar os novos desafios. Além de modificar alguns aspectos de sua prática, ele precisa saber manejar novos recursos pedagógicos, como é o caso da informática. Para responder a essas mudanças, exige-se uma contínua formação. Percebe-se, mais que nunca, que os educadores buscam essa formação por necessidade e não por simples interesse.

2. Formação Continuada: Conceitos e reflexões

A formação continuada não é uma prática nova, ela existe desde longos tempos, orientando a preparação dos professores e sua prática. É algo vivenciado pelos homens como maneira de se reconstruírem, modificarem. É ato de formar-se. A palavra continuada, segundo Ferreira (2004), significa não ter interrupção; seguido, continuado.

A formação contínua é dada como processo ininterrupto e permanente de desenvolvimento, “não é, portanto, algo eventual, nem apenas um instrumento destinado a suprir deficiências de uma formação inicial mal feita ou de baixa qualidade, mas, ao contrário, deve ser sempre parte integrante do exercício

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 55/3 – 15/04/11

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)



profissional do professor” (LARANJEIRA, 1999, p. 25). A formação continuada refere-se a uma formação em exercício, posterior a uma formação inicial, promovida por programas dentro e fora das escolas, considerando diversas possibilidades, presenciais ou a distância (BRASIL, 1999, p. 19).

É complexo caracterizar formação contínua, pela diversidade de objetivos, interesses, agentes envolvidos e riqueza de informações. E é quase impossível e/ou difícil encontrar aquele que a ache desnecessária. Para Gatti (2008), existem muitas ações que são postas sob o grande guarda-chuva do termo formação continuada, em um momento restringindo-se o “significado da expressão aos limites de cursos estruturados e formalizados oferecidos após a graduação ou após ingresso no exercício do magistério” e em outro momento sendo usado de forma “ampla e genérica”, sendo compreendido como ações que possam auxiliar o profissional no seu desempenho profissional. As ações que complementam a prática profissional são citadas como:

Horas de trabalho coletivo na escola, reuniões pedagógicas, trocas cotidianas com os pares, participação na gestão escolar, congressos, seminários, cursos de diversas naturezas e formatos, oferecidos pelas Secretarias de Educação ou outras instituições para pessoal em exercício nos sistemas de ensino, relações profissionais virtuais, processos diversos a distância (vídeo ou teleconferências, cursos via internet, etc.), grupos de sensibilização profissional, enfim, tudo que possa oferecer ocasião de informação, reflexão, discussão e trocas que favoreçam o aprimoramento profissional, em qualquer de seus ângulos, em qualquer situação (GATTI, 2008, p. 57).

Assim, como proposto, existem muitas práticas no que chamamos de formação continuada bem como o próprio termo leva a várias concepções sob o lema da atualização e da renovação profissional. Nas últimas décadas do século XX e entrada do século XXI, tornou-se pré-requisito para o trabalho e sua permanência a prática de formação continuada. O mundo está cada vez mais uno, as mudanças são visíveis e fazem cobranças epistemológicas, sociais e tecnológicas. Portanto, a formação continuada foi estabelecida como aprofundamento e avanço nas formações profissionais.

Nascimento (2003) compreende que formação continuada é algo que ocorre após uma formação inicial para melhorar as qualificações pessoais, sendo também:

Toda e qualquer atividade de formação do professor que está atuando nos estabelecimento de ensino, [...], incluindo-se aí os diversos cursos de especialização e extensão oferecidos pelas instituições de ensino superior e todas as atividade de formação propostas pelos diferentes sistemas de ensino (NASCIMENTO, 2003, p. 70).

É necessário destacar também a formação em serviço como uma possibilidade de formação continuada, como sendo aquela que se realiza no próprio local de trabalho do professor, podendo ser organizadas e desenvolvidas pelas instâncias superiores de ensino, tendo como referência as realidades escolares.

Formação contínua também não é um campo homogêneo, há diferentes concepções a respeito: em relação aos objetivos, conteúdos, métodos, jogos políticos, culturais e profissionais. Não há um único caminho desejável, ela é complexa e possui diversas concepções, necessidades que levam o professorado a uma formação: obtenção de diploma, manutenção profissional, *status* social, aprendizagens pedagógicas. A formação pode se dar a partir dos eixos da formalidade e da informalidade. No eixo formal, há uma estruturação delegada numa instância especializada de organização e estruturada de modos coletivos; já no eixo informal, as aprendizagens são adquiridas por contato, imitação, interiorização de

saberes, saber-fazer e saberes comportamentais (DEMAILLY, 1992). Demailly classifica a formação em quatro modelos:

- Forma universitária: estão vinculados a uma instituição formadora, de caráter formal, promovendo uma titulação específica. Tem como finalidade essencial a transmissão do saber e da teoria. Um exemplo são as qualificações das graduações ou pós-graduações.
- Forma escolar: há uma relação institucional do ensino definida pelos organizadores ou contratantes. Os programas são definidos pelos que o contratam.
- Forma contratual: há uma negociação entre o formando e o formador pelo programa pretendido, das modalidades materiais e pedagógicas da aprendizagem.
- Forma interativo-reflexiva: as iniciativas de formação partem de uma relação conjunta entre formadores e formandos, ligados a uma resolução de problemas reais.

Em resumo, propõem-se, segundo a autora:

Forma universitária - profissionais constroem e difundem de maneira personalizada saberes teóricos, numa relação pedagógica liberal; a forma formativa-contratual: contratos, comerciais ou não, cruzam entre si à volta da transmissão de saberes de natureza diversa; o modelo interativo-reflexivo: os professores mobilizam apoios técnicos para a elaboração colectiva de saberes profissionais; a forma escolar: pessoas contratadas por uma instância dispendo da violência simbólica legítima [...] transmitem aos formandos e formadores um conjunto de saberes (DEMAILLY, 1992, p. 145).

Segundo Demailly (1992), a forma universitária apresenta-se como a mais eficiente para quem deseja uma formação individual; e a forma interativo-reflexiva, para quem pretende estar preparado para o trabalho de equipe, pois permite uma busca de soluções para os problemas encontrados por meio das interações com o grupo e a construção dos saberes profissionais.

O termo "formação contínua" veio tomando corpo no meio educacional a partir das ideias de professores como sujeitos inacabados, em contínuo processo de mudança e transformação. Pensar na sua formação é também pôr em relevo a sua história, seus fins e seus objetivos da época e aqueles que se pretende formar.

A sociedade dita regras para a formação dos professores e estes, se não souberem agir, permanecerão no "saber ingênuo". Serão meros assimiladores teleguiados pelos manuais de formação e não-transformadores que agem, pensam e modificam a realidade. Paulo Freire questiona as atitudes de um professor passivo à realidade social e marionete do sistema e propõe que para ser um profissional social, histórico, político e cultural é preciso envolvimento, correr riscos. Sem pegar o "trem do risco", não acontecerá criatividade humana, mudança no mundo e construção da própria formação.

Faz-se necessário rever como ocorre a formação continuada dos professores e colocá-los no lugar de agentes da própria formação, não por obrigação, mas por desejo, vontade e até, quem sabe, por necessidade, uma vez que ninguém nasce professor, faz-se professor. Aprende-se a ser professor. E o processo de aprender está intimamente ligado ao desejo. Desejo de ser "profissional do humano" (ALARCÃO, 2007; PIMENTA; LIBÂNEO, 1999), de oferecer rumos à sua profissionalização, de aprender com o outro, de crescer e de fazer crescer. Pode parecer estranho ou até óbvio quando se pensa na fundamentação da natureza humana, mas os professores são pessoas que sentem e querem. "Devemos

dar bastante importância aos motivos de ação do professorado [...]. Para educar, é preciso que se tenha um motivo, um projeto, uma ideologia” (SACRISTÁN, 2002, p. 86).

3. A escola: lócus de formação contínua

Hoje, discutem-se as formas como há facilidade na informação, chegando em grande quantidade e rapidez. A escola tem clara e nítida sociedade da informação, característica do neoliberalismo. Nesse aspecto de fácil acesso à informação, a escola está fadada a um possível desaparecimento. No entanto, conhecer vai além de ter informações à mão. Conhecer é analisar, interagir, contextualizar, estabelecer relações entre um e outro sobre os objetivos que se deseja aprender. Dessa forma, para esse trabalho de inter-relações com as informações e a visão crítica tornar-se conhecimento não se exclui a real necessidade de um professor que tenha atitudes técnicas, pedagógicas, humanas e científicas. A escola passa a ser vista como uma escola reflexiva, reagindo às concepções clássicas de única formadora e local de conhecimento.

A nova corrente vê a escola como organismo vivo, que interage com pessoas na sua formação e transformação do espaço em que estão para uma consciência crítico-política de mudanças da realidade. Como organismo vivo, é também promotora e formadora dos seus profissionais, professores, ou seja, na escola e pela escola ocorrem processos que são de extrema importância para o trabalho dos professores e as suas formações contínuas para o questionamento e mudança da própria realidade.

A formação continuada do professor sendo enveredada na escola traz mudanças no fazer pedagógico do professor, bem como na cultura escolar. Novas práticas de gestão e participação democrática são desenhadas. A formação continuada na escola pode constituir-se, a partir do cotidiano profissional, um fazer de pesquisa e formação, com reflexão individual e coletiva sobre suas práticas, mantendo relações com outros formadores que possam ajudá-los a ressignificar suas práticas e teorias.

Paulo Freire (1996) chama a atenção dos professores para uma análise da sua formação com a discussão de que eles são sujeitos inerentemente pesquisadores. A promoção da pesquisa aliada à prática reflexiva é algo que está posto na natureza do professor, sendo considerado que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” e que o fazer da prática está permeado pelo pensar e pensar o que fazer.

O foco de formação na escola apresenta uma visão que sai da aprendizagem individualista para a aprendizagem coletiva, que envolve toda a organização escolar, a partir de um processo de reflexão crítica da prática e da pesquisa.

4. Professor reflexivo e formação contínua

Todo ser humano reflete e a reflexão é um atributo seu. Ser professor envolve ter um comportamento reflexivo. A ênfase que é dada ao termo “professor reflexivo” tem início nos anos 90 no Brasil como um campo muito fértil. O referido jargão gerou um movimento de análise do que é ser professor, como ser, seus valores, sua formação e seu papel e tomou corpo principalmente a partir do livro de Antônio Nóvoa “Os professores e a sua formação”, com a contribuição de vários autores internacionais para a formação a partir de uma atitude reflexiva, entre eles a contribuição de Donald Schön. Schön (2000)

sugere uma formação desvinculada de um currículo normativo, que deixa a prática para um último momento e prioriza a ciência. É pela reflexão, a partir dos problemas que surgem na prática, que se chegará a um conhecimento.

Para compreender melhor o aspecto “professor reflexivo”, é necessário distinguir três conceitos propostos por Shön: conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação.

O conhecimento na ação se manifesta no saber fazer, é o conhecimento tácito, sendo mobilizado pelos professores no seu dia-a-dia, não estando implícito somente na atividade prática. Constantemente, os professores se veem criando, construindo outras soluções que fogem da rotina, favorecendo o processo de reflexão na ação, na qual frequentemente pensam e fazem ao mesmo tempo em que atuam. A reflexão sobre a reflexão na ação é a análise que o sujeito faz após a ação, ou seja, para superar as novas situações ele busca outras opções, pesquisas ou investigações que possam ajudá-lo.

A partir das propostas de professor reflexivo e suas práticas de reflexividade, começam a surgir novas leituras sobre o papel desse profissional e quem é ele, valorizando suas formas de expressão, pensamento, cultura, crenças e valores. Sua identidade adquiriu o sentido de que ele é sujeito e não mero executor das funções de ensino-aprendizagem. Na escola, também passa a fazer parte das ações comunitárias, gestão democrática, construção e análise dos currículos, participação no desenvolvimento da proposta pedagógica, organização dos tempos e espaços escolares, desvinculando, assim, a visão única de professor e sala de aula.

No entanto, o que as propostas de reflexividade têm a ver com a formação dos professores? Especificamente, com a formação contínua?

Sugerir uma formação contínua a partir de uma visão crítica e reflexiva é possibilitar o aprendizado dos professores por um caminho emancipatório e apreensivo da realidade, além de conscientizá-los da transformação do mundo como ato político.

5. Análise das experiências para a construção de novas perspectivas

A formação contínua aparece como uma atribuição que os professores precisam desenvolver, sendo ministrada sob os mais diversos modelos e percebida como instrumento de mudanças e transformações que se fazem necessárias.

Como analisado pela pesquisa, a formação contínua tem sido pauta de muitas discussões, tanto por teóricos quanto por órgãos governamentais, especialmente quando se retrata a ideia de atualização constante, qualidade do ensino e requisitos para o trabalho.

Perante a complexidade que envolve a profissão professor e a formação continuada, a pesquisa realizada com 14 professores das redes públicas e privadas de Belo Horizonte que atuam nas séries 6^o à 9^o considerou as perspectivas de formação continuada desses profissionais a partir de suas experiências e ponto de vista.

Os professores, quando questionados sobre os requisitos mínimos para participarem na formação continuada, afirmaram que se trata da necessidade da própria profissão e o desejo de conhecimento para se manterem atualizado:

Eu acredito que para alguém dar continuidade em alguma coisa ele tem que ver a necessidade dessa continuidade. Ele tem que ver, por exemplo, que tem que ser alguém articulado. Então o pré-requisito mínimo para alguém ter uma formação continuada é ter clareza, ter a evidência de que a formação não é algo estanque, mas que ela é um processo contínuo (Professor B).

Há uma necessidade da formação continuada, uma vez que estamos inseridos num mundo dinâmico, onde as tecnologias se renovam a todo o momento e a falta de sintonia com tais mudanças dificulta a prática docente (Professor D).

Na formação continuada que se relaciona com o desenvolvimento profissional é proposta a íntima ligação entre a formação com a construção de conhecimentos para ser um bom professor, continuar aprendendo e, portanto, dar conta das necessidades que surgem na prática com os alunos e a realidade, sendo esses uns dos principais motivos que levam os professores a terem uma formação continuada:

Eu procuro melhora para ter novas técnica, uma forma melhor de dar aulas, para me aproximar mais do aluno. [...] Você vai para a sala de aula e acostuma com o jeito de dar aula e a tendência é o comodismo, se você tiver cursos, encontro com outras pessoas, ideias novas, então você não ficará parado no tempo, está sempre perpetuante (Professor G).

Eu sou muito curioso. Embora não tenha tempo suficiente, eu gosto muito de estar atualizado e, principalmente, porque optei, gosto e acredito na educação. [...] é como um desejo pessoal mesmo. É querer melhorar para ele mesmo e para depois trazer isso para a sala de aula. Se eu busco conhecimento automaticamente eu vou trazer novos conhecimentos, novas metodologias para dentro da sala. Vou trazer novas maneiras de ver como o meu aluno aprende (Professor F).

Destaca-se, conforme os relatos que se seguem, que outro motivo para a formação continuada é a sua relação para a melhoria nas condições de trabalho, progressão na carreira e permanência no mercado.

Eu vejo que o conhecimento é um bem cultural e a cada dia que passa surgem coisas novas. Surgem formas novas de veicular a informação. Portanto, eu vejo como uma necessidade de atualização, uma necessidade de acompanhar o curso da história e também é uma questão de competitividade sim. Porque para se manter num determinado trabalho, numa determinada escola, isso pressupõe que você esteja atualizado, que você esteja acompanhando essas mudanças. Então, eu acho que um grau maior de formação, ele é um dos pré-requisitos. Eu falo de mercado de trabalho com relação à titulação, sim. Talvez para mim, não pensaria nisso como a primeira coisa, mas em segundo plano. Pensaria em me manter informado. A informação e o conhecimento são importantes. Eu tenho sentido essa vontade de aprender mais, de conhecer mais, de aprimorar esses conhecimentos. Tenho que pensar no lado prático, no lado funcional das coisas e existe um mercado com várias pessoas com a mesma formação que eu. Não vou dizer que trabalham do mesmo jeito, melhor ou pior. Um dos requisitos do mercado é a titulação (Professor B).

Em virtude das cobranças no mundo do trabalho, como exposto por Gatti, tornou-se forte a “imperiosidade da formação continuada como requisito para o trabalho” (GATTI, 2008, p. 58). No entanto, não se pode perder de vista as reais funções e necessidades da formação continuada como requisitos para dinamizar a experiência profissional e a reflexão sobre a mesma que potencialize a melhoria efetiva do processo de ensino e aprendizagem, não deixando se iludir pelo simples fato de se adquirirem títulos.

O professor tem que estar sempre estudando (*sic*). É uma característica da gente. Mas às vezes, os professores fazem atividades de formação continuada só por ter, para ter no seu currículo, e não porque sente necessidade. O professor tem que ter afinidade com o conteúdo e tem que aprender mais (Professor H).

A busca pelos títulos entregues pelas atividades de formação continuada também se relacionam a uma política de progressão na carreira para se ter aumento de salário, tornando, assim, as ações de formação contínuas um mercado de títulos e diplomas no qual o professor, infelizmente, para ter valorização, ou seja, melhores salários, faz uma busca frenética por essas formações. Mas sua valorização e as condições de melhores salários não devem estar atreladas a uma obrigação de títulos e cargas horárias que tentam comprovar seu desempenho. A formação é algo inerente a eles e deve ser compreendida como um direito seu para um fazer pedagógico de qualidade.

A cada pós-graduação que você faz tem tipo (*sic*) um aumento no seu salário. Mas só que eles pararam. Eu entreguei o meu diploma já tem quase um ano. Na verdade eles abriram muito o leque. Com isso, tem gente que fez pós-graduação em Cabo Frio, fazia aquele “negócio” de fim de semana. Com isso eles barraram (Professor E).

Em relação aos conceitos apresentados pelos professores sobre o que é formação continuada, ela está intimamente ligada a uma visão de processo, a um aprender contínuo que se relaciona ao fazer pedagógico com mais qualidade:

Formação continuada é a busca pela atualização, pela visão prática e pelas mudanças que possam proporcionar melhores desempenhos na sua vida docente (Professor I).

No modelo de formação contínua, os saberes da prática passam a adquirir um papel importantíssimo e precisam ter um diálogo com a situação real na qual os professores estão inseridos, bem como as questões psicossociais, com reconhecimento de que esses profissionais não são seres abstratos ou somente intelectuais, mas essencialmente sociais, “com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes [...]” (GATTI, 2003, p. 196). A partir das situações concretas é que o conhecimento teórico pode se tornar mais útil e significativo para os professores.

“Os conhecimentos das ciências básicas têm indubitável valor instrumental, desde que se integrem no pensamento prático do professor”; e devem reportar-se, nos programas de formação, à prática e ao conjunto de problemas e interrogações do dia-a-dia escolar (PÉREZ-GÓMEZ, 1992, p. 111). Os professores sentem a necessidade da prática se constituir um ponto de partida para as propostas de formação contínua. Isso quer dizer que a “prática não pode ser inventada pela teoria, a prática é inventada pelos práticos” (SACRISTÁN, 2002, p. 83). Assim, pode-se pensar que a formação continuada deve associar-se ao processo de ensino e aprendizagem para dar continuidade ao exercício da profissão do professor, uma referência para a prática. Portanto, eles, como sujeitos práticos reflexivos (SHÖN, 1992), sentem mais necessidade de formações que pensem as práticas, se relacionem com suas realidades e ampliem seus conhecimentos. A perspectiva prática não desconsidera a teoria, mas passa a ressignificá-la.

Essa relação direta de prática e formação contínua precisa ser analisada para não se cair em situações de formação como “receituários”, ou seja, técnicas e modelos de atividades prontos para dar aulas, para que os professores não se tornem alienados e técnicos e não excluam suas reflexões sobre suas intencionalidades e autonomias.

Existe um questionamento muito grande sobre as ações de formação continuada. Às vezes, você vai nesses cursos e saem muitas pessoas satisfeitas e outras não, achando que a aplicabilidade desses poderia ser mais prática, não muito teórica. Acaba que as pessoas saem com uma ideia de receitas; eu fiz um curso e eu tenho uma receita e essa receita eu vou aplicar. Aí que entra a ideia do professor criativo, pegar aquilo ali e transformar em outras situações e não simplesmente fazer o curso e do jeito que ele fez, “encaixotadinho”, ele vai abrir e dizer: É isso! Acabou! Mas não é. Então, eu vejo muitos cursos que trazem uma ideia muito de receita. Algumas pessoas veem os cursos e as formações continuadas como ideia meramente de estar fazendo ou faz por obrigação, outros assistem e não aprendem nada, pois já fazem isso em sala de aula e acaba não levando a sério, outros acham que aquilo é uma receita e outros fazem daquilo outras transformações. É a ideia de ser criativo, criar – ação. Eu vejo que a gente aproveita de tudo, nada se perde (Professor C).

Constatou-se que os professores reconhecem que também têm saberes que às vezes não são valorizados nos processos de formação contínua. Num ato de humildade (FREIRE, 1996), por reconhecerem que não sabem tudo e não podem ignorar tudo, desejam aprender com formadores que têm mais conhecimento e lhes possam ensinar.

Sobre os tipos de formação, geralmente foram ações diferentes (cursos, seminários, palestras, encontros, oficinas, entre outros), com duração de oito a 20 horas nas modalidades presenciais e a distância. As características dessas atividades de formação se mesclam à base teórica e prática. Se associarmos as formações vivenciadas pelos professores e suas preferências, há diversidade de opiniões em virtude dos desejos, perfis profissionais, tempo de atuação, local de trabalho.

A articulação da formação continuada dos professores e sua efetivação passam por várias dificuldades. Os problemas mais citados foram a dificuldade de tempo para desenvolver tais ações, falta de recursos financeiros para investir em formação contínua, a descontinuidade das ações de formação como momentos estanques, dificuldade na localidade dessas ações e dias em que são desenvolvidas.

Tempo e dinheiro. Se desejar estudar é preciso tempo para se dedicar e o custo é alto. Se desejar se dedicar terá que deixar de trabalhar e o dinheiro não será suficiente para suprir as necessidades. As dificuldades se somam e ficam contra você (Professor I).

Falta de tempo e dinheiro. Às vezes surgem cursos bons, mas você vai fazê-los e são extremamente caros. Na questão do tempo, eu trabalho de manhã e de tarde. Às vezes esses cursos são oferecidos nos fins de semana e aí você está “morta de cansada” (Professor H).

A questão do tempo, duração das formações. Formação continuada não pode ter interrupção e ter segmento. Os projetos já têm um tempo pré-determinado e não tem continuidade (Professor F).

Primeiro é o custo desses cursos. Para profissionais do ensino público, cujos salários não condizem com a realidade da importância e seu papel social, os valores são elevados. Segundo, o tempo que não temos. Muitos trabalham em dupla ou tripla jornada (Professor D).

Outro aspecto a se considerar são as instituições consideradas pelos professores como adequadas para oferecerem ações de formação continuada. As Universidades apresentam lugar de destaque, sendo citadas por todos.

Apesar das Universidades apresentarem posição privilegiada, ressalta-se que, independentemente do lugar ou da instituição que desenvolve as ações de formação, é preciso analisar de antemão a proposta,

os objetivos e sua organização para, assim, serem de qualidade. Esses critérios demonstram uma postura de crítica e de análise por parte dos professores em buscar ações que sejam de qualidade e não simplesmente *shows* de formação que nada venham a acrescentar nas suas práticas e vidas, tornando-se simplesmente um “mercado de formação contínua”.

Eu acho que todas essas instituições são adequadas a oferecer formação continuada. No entanto, as coisas não podem se banalizar. Talvez se torne um mercado e não uma formação (Professor C).

O reconhecimento da Universidade como instituição adequada para oferecer formação continuada torna-se válido, uma vez que os seus estudos ajudam os professores a pensar e a refletir sobre suas práticas e realidades, conforme salientado por Zeichner ao se referir às Universidades e seus formadores: “temos uma importante contribuição a fazer na produção de conhecimentos educacionais que suportem as reformas escolares e a política de desenvolvimento profissional dos professores” (ZEICHNER, 1998, p. 231).

O mesmo autor enfatiza não uma divisão entre professores e acadêmicos, e sim uma colaboração com base em respeito mútuo e valorização dos saberes que ambos apresentam, que não os tornam melhores ou piores, mas diferentes e com importâncias significativas.

A visão que os professores têm e como valorizam as Universidades reforça a ideia de que essas instituições precisam ampliar os seus laços com as escolas, participando mais efetivamente de formações que se desenvolvam nestas, e conduzir suas realidades num fazer crítico reflexivo resignado por práticas e teorias.

Como local para a formação contínua, os professores enfatizam que as escolas são um espaço ideal, por estarem em contato direto com a realidade e por ter nos outros professores um apoio para trocas de experiências e informações que contribuem na autoformação desses sujeitos. A autoformação possibilita ao educador questionar-se a si próprio, considerando sua experiência e seus saberes, permeando uma ressignificação das práticas pedagógicas. Além disso, a escola como espaço aberto para a reflexão dos educadores constitui-se um local para o próprio desenvolvimento institucional e para a formação na ação-reflexão dos seus profissionais (NÓVOA, 1992).

Na escola, com certeza. Existe sempre a oportunidade de trocar ideias com os colegas, trocar experiências e sugerir propostas (Professor I).

Quando questionados sobre a escola como espaço de formação, os professores fazem várias propostas, como grupos de estudos, horários semanais para encontros, trazer os formadores das Universidades para a escola, projetos de pesquisa aliados a um projeto da instituição escolar direcionado para tal necessidade, sendo feito nos horários em que estão na escola. No entanto, sua real efetivação está um pouco distante. A própria escola esbarra em questões burocráticas, obrigatoriedade de cumprir os tempos e currículos, falta de recursos financeiros e da percepção real da formação continuada e sua importância no desenvolvimento dos professores, dificultando um projeto de longo prazo para a sua formação.

Cabe, então, aos professores, em momentos curtos, rápidos, nos intervalos e nos corredores ou quando acontecem as reuniões, que muitas vezes são de cunho administrativo, se reorganizem para

trocarem experiências, dialogar e refletir sobre suas práticas e proporem mudanças juntos com os seus pares.

6. Considerações finais

Ser professor na atual conjuntura vai mais além de ter domínios científicos. Um professor configura-se como produtor e organizador do conhecimento num processo contínuo de aprendizagem.

Como processo de aprendizagem, a formação contínua é um caminho percorrido por aqueles que sentem necessidade de desenvolvimento profissional, que possa ajudá-los a terem consciência das dificuldades, ressignificá-las e construir soluções. De fato, para os professores apresentarem uma formação que seja realmente contínua, eles enfrentam dificuldades em virtude do tempo, falta de recursos financeiros e ações de formação de qualidade que não se enquadram em meros receituários desconectados de suas realidades, seus desejos e valores.

O caminho a ser percorrido na formação deixa os professores em situações conflituosas. Eles são cobrados e se autocobram por uma formação contínua em que possam elaborar a prática e propor mudanças na realidade, mas se veem sem condições para realizá-las em virtude do tempo e do dinheiro, principalmente. O direito sobre a formação continuada aos professores proposto pela LDB 9.394/96 tornou-se uma obrigação e com duras formas de se efetivar.

Consideram-se importantes nessa construção da escola e na formação contínua as relações entre as Universidades e seus formadores a fim de construir práticas reflexivas sustentadas por teorias e teorias que sustentem a prática.

Requer-se, também, que as escolas se caracterizem em reais espaços de formação, constituindo o *locus* privilegiado desse quefazer. A escola, como local de formação contínua, traz repercussões mais significativas nas práticas dos professores, pois é ali que se encontram os envolvidos nessas mudanças e os problemas que exigem solução, propondo uma reflexão sobre a prática e a valorização dos professores como profissionais reflexivos.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. Os questionamentos do cotidiano docente. Revista Pátio, ano X, n. 40, p. 16-19, novembro/2006 janeiro 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.
- Brasil. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para a formação de professores. Brasília, DF: MEC/ SEF, 1999.
- DEMAILLY L.C. Modelos de formação contínua. *In*: Os professores e a sua formação. NÓVOA, António (org.). Lisboa, Portugal, Dom Quixote, 1992, p. 139-158
- FERREIRA ABH. Miniaturélio: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. Rev. Atualiz. Curitiba: Posigraf, 2004, 896 p.
- FREIRE P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996; 29, nota de rodapé.

- GATTI BA. Análise das políticas para formação continuada no Brasil, na última década. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas: Autores Associados, jan/abr 2008; 13(37):57-69.
- GATTI BA. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, julho 2003; 109:191-204.
- LARANJEIRA MI. *et al.* Referências para formação de professores. *In:* Bicudo MV; Silva Jr CA. (org.). Formação do educador e avaliação educacional: formação inicial e contínua. São Paulo: UNESP, 1999;2:17-45.
- LIBÂNEO JC. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- NASCIMENTO M. A formação continuada dos professores: modelos, dimensões e problemática. *In:* Magistério: construção cotidiana. CANDAU, V.M. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 69- 90.
- NÓVOA A. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992; 29.
- PÉREZ-GÓMEZ A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *In:* Os professores e sua formação. Nóvia A. (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992; 93-114.
- PÉREZ-GOMEZ A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *In:* Os professores e sua formação. NÓVIA, António (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 93-114.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIBÂNEO, José Carlos. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. *In:* Revista Educação & Sociedade, Campinas, ano XX, n. 68, p. 239-277, 1999.
- SACRISTÁN, José Gimeno. Tendências investigativas na formação de professores. *In:* Professor reflexivo no Brasil: a gênese e crítica de um conceito. PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). São Paulo: Cortez, 2002, p. 81-87.
- SCHÖN DA. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SCHÖN DA. Formar professores como profissionais reflexivos. *In:* Os professores e sua formação. Nóvia A. (org.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992; 77-91.
- ZEICHNER KM. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. Discutindo a formação de professoras e professores com Donald Schön. Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Geraldi CMG, Fiorentini D, Pereira EMA (orgs.). Campinas: Mercado das Letras, 1998, Coleção Leituras no Brasil, 207-236.